

**INDÚSTRIAS CRIATIVAS NA FRONTEIRA URUGUAIA: DINÂMICAS
REGIONAIS E PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO¹**

**CREATIVE INDUSTRIES IN THE URUGUAYAN BORDER: REGIONAL
DYNAMICS AND DEVELOPMENT PERSPECTIVES**

Recebido em: 09/09/2025

Aceito em: 30/10/2025

Publicado em: 28/11/2025

Mônica Elisa Dias Pons² 

Universidade Federal de Santa Maria

Tiago Costa Martins³ 

Universidade Federal do Pampa

Victor da Silva Oliveira⁴ 

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Alejandro Noboa Silva⁵ 

Universidad de la República del Uruguay

Resumo: Este artigo é desenvolvido no projeto *Políticas para a Indústria Criativa e Desenvolvimento nas Fronteiras do Brasil, Argentina e Uruguai* e apresenta um panorama das Indústrias Criativas (ICs) na fronteira norte do Uruguai, focando nos perfis dos *stakeholders* atuantes em Salto, Artigas e Rivera. Busca compreender quem são esses atores, suas trajetórias formativas, campos de atuação, condições de trabalho e desafios para consolidar práticas culturais num contexto periférico e transfronteiriço. Teoricamente, fundamenta-se nos conceitos de ICs e desenvolvimento territorial e em contribuições sobre redes culturais e governança colaborativa. A metodologia é qualitativa e exploratória. Os dados foram analisados por análise de conteúdo e categorizados por: (i) identificação dos setores criativos; (ii) condições de trabalho, vínculos institucionais e fomento; e (iii) percepções sobre redes de colaboração e dinâmicas transfronteiriças. Os resultados indicam predominância de iniciativas culturais autônomas, baixa articulação institucional e fragilidade no fomento. Também revelam perspectivas positivas sobre colaboração em rede e a fronteira como espaço de intercâmbio e experimentação cultural, mesmo com assimetrias entre setores. As ICs fronteiriças são um campo em expansão, com fragilidades estruturais e potencial inovador. O fortalecimento das redes colaborativas para esses territórios amplia a sustentabilidade das práticas criativas e seu impacto no desenvolvimento regional.

Palavras-chave: Indústrias Criativas; Fronteira; Desenvolvimento Regional; Atores sociais; Cultura.

¹ Este trabalho conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do projeto *Políticas para a Indústria Criativa e o desenvolvimento em regiões de fronteira* (Processo nº 441861/2023-7), que inclui a concessão da Bolsa Desenvolvimento Tecnológico e Inovação no Exterior Júnior (DEJ); do projeto *Caminhos do Sul: observatório de pesquisas em turismo* (Processo nº 408030/2023-2); e do Grupo de Estudos de la Participación y la Descentralización (GEPADE) da Universidad de la República (UDELAR), pelo suporte acadêmico no Uruguai.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural. Brasil, Rio Grande do Sul, Santa Maria. E-mail: monica@ufsm.br

³ Professor do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Pampa. Brasil, Rio Grande do Sul, São Borja. E-mail: tiagomartins@unipampa.edu.br

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Desenvolvimento Regional e Urbano na Amazônia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Brasil, Pará, Marabá. E-mail: victorsoliveira@unifesspa.edu.br

⁵ Professor da Universidad de la República del Uruguay. Uruguai, Salto. E-mail: alejandronoboasilva@gmail.com

Abstract: This article presents a preliminary overview of the Creative Industries in the northern border region of Uruguay, focusing on the profiles of social stakeholders operating in Salto, Artigas, and Rivera. The study seeks to understand who these actors are, their educational trajectories, fields of activity, working conditions, and the main challenges to consolidating cultural practices in a peripheral and cross-border context. The theoretical approach is grounded in the concepts of Creative Industries and territorial development, as well as contributions on cultural networks and collaborative governance. The methodology is qualitative and exploratory, developed within the framework of the international project “*Policies for the Creative Industry and Development in the Border Regions of Brazil, Argentina, and Uruguay.*” For data analysis, content analysis procedures were applied, with thematic categorization guided by three criteria: (i) identification of creative sectors; (ii) working conditions, institutional ties, and access to funding; and (iii) perceptions of collaboration networks and cross-border dynamics. The results indicate the predominance of autonomous cultural initiatives, weak institutional articulation, and fragile support mechanisms. They also reveal positive perceptions regarding the potential of networked collaboration and the role of the border as a space for cultural exchange and experimentation, although asymmetries persist across sectors in terms of access to resources and the sustainability of practices. It is concluded that the Creative Industries in the border region are configured as an expanding field, marked by the tension between structural weaknesses and innovative potential. Strengthening collaborative networks and implementing specific policies for border territories may enhance the sustainability of creative practices and their impact on regional development.

Keywords: Creative Industries. Border. Regional Development. Social Stakeholders. Culture.

INTRODUÇÃO

As Indústrias Criativas (ICs) vêm sendo amplamente discutidas como um vetor estratégico de desenvolvimento em diversas regiões do mundo, especialmente por sua capacidade de articular cultura, economia e inovação em diferentes escalas territoriais. Embora a origem do conceito seja de contextos urbanos e altamente industrializados, sua aplicação a contextos e territórios periféricos e fronteiriços suscita questões relevantes sobre sua adaptação, seu potencial transformador e os desafios estruturais.

A região de fronteira entre Brasil, Uruguai e Argentina é um espaço sociocultural dinâmico, marcado por intensas trocas simbólicas e econômicas, mas também por desigualdades, informalidade e baixa articulação institucional. No caso uruguaio, os departamentos de Salto, Artigas e Rivera concentram uma diversidade de agentes criativos cujas práticas dialogam com o patrimônio, as artes cênicas, o audiovisual e outras expressões culturais — ainda que, muitas vezes, fora dos circuitos formais de fomento e reconhecimento.

Este artigo se insere no âmbito do projeto internacional *Políticas para a Indústria Criativa e Desenvolvimento nas Fronteiras do Brasil, Argentina e Uruguai* (Martins, 2023) e tem como objetivo apresentar um diagnóstico preliminar dos perfis dos *stakeholders* sociais que atuam no campo das Indústrias Criativas (ICs) na região da fronteira norte do Uruguai. Para isso, consideram-se a formação desses *stakeholders*, sua inserção profissional, os setores em que atuam e os principais desafios que enfrentam para consolidarem suas práticas em contextos periféricos. A investigação parte da seguinte pergunta de pesquisa: como se configuram os perfis sociodemográficos, formativos e profissionais dos agentes que atuam nas ICs na fronteira uruguaia e quais são os principais obstáculos que eles enfrentam?

A justificativa para esse recorte territorial e temático reside na necessidade de compreender quem são os agentes criativos atuantes na região de fronteira e quais são suas condições de atuação. O reconhecimento dos perfis, das trajetórias e dos obstáculos enfrentados por esses *stakeholders* é significativo para orientar políticas culturais e estratégias de desenvolvimento regional mais eficazes, sobretudo em territórios historicamente negligenciados.

Para tanto, o texto está estruturado da seguinte forma: após esta introdução, apresenta-se o referencial teórico que fundamenta a análise sobre ICs, desenvolvimento territorial e redes associativas. Em seguida, descreve-se a metodologia empregada e, posteriormente, são discutidos os resultados obtidos a partir do levantamento de dados nos departamentos de Salto, Artigas e Rivera. Por fim, apresentam-se as considerações finais, com ênfase nas contribuições do estudo para políticas públicas e estratégias regionais de desenvolvimento.

INDÚSTRIAS CRIATIVAS

O conceito de Indústrias Criativas (ICs) despontou nas últimas décadas como uma categoria central para compreender a articulação entre cultura, economia e inovação. A definição consagrada pelo Departamento de Cultura, Mídia e Esporte do Reino Unido (DCMS) em 2001 descreve as ICs como os setores “que têm sua origem na criatividade individual, habilidade e talento, e que possuem potencial de geração de riqueza e criação de empregos por meio da produção e exploração da propriedade intelectual” (Ashley *et al.*, 2024, p. 47). Essa formulação inspirou diversos países a desenvolverem políticas públicas e sistemas de mensuração voltados a esses setores.

Apesar disso, não existe consenso em torno de uma definição única e universal para ICs. Elas abrangem um espectro heterogêneo de setores, que podem incluir desde publicidade, arquitetura, artesanato, design, moda, música, artes cênicas e visuais, até editoras, audiovisual, software, jogos digitais, museus e patrimônio cultural (Ashley *et al.*, 2024). Embora essa multiplicidade enriqueça o conceito, também gera desafios metodológicos para sua mensuração e implementação em diferentes contextos regionais e nacionais (UNCTAD, 2024).

No plano teórico, Howkins (2002) associa a economia criativa à ideia de que as pessoas podem gerar valor a partir do “que está dentro de suas cabeças”, destacando a centralidade do conhecimento, da inovação e da propriedade intelectual nessa produção. Por outro lado, autores como Markusen *et al.* (2008) ampliam a discussão ao ressaltar o papel dos

clusters criativos, das comunidades e da força de trabalho criativa, reconhecendo as ICs não apenas como motores econômicos, mas também como agentes de desenvolvimento cultural e social.

Contudo, há críticas relevantes à apropriação neoliberal do conceito. Argumenta-se que a ênfase em métricas de crescimento econômico e competitividade pode favorecer setores e trabalhadores de maior renda, ao passo que reforça desigualdades sociais e territoriais, podendo resultar em gentrificação de áreas urbanas e exclusão de práticas culturais não mercantilizadas (Ashley *et al.*, 2024). Nesse sentido, o atual debate acadêmico reconhece as ICs como um campo em disputa, um campo que oscila entre a valorização de sua dimensão mercadológica e a defesa de sua relevância enquanto vetor de inclusão social, diversidade cultural e fortalecimento identitário.

No Brasil, Bendassolli *et al.* (2009) apontam que, muitas vezes, o uso do termo “Indústrias Criativas” se confunde com “economia criativa”, embora haja distinções entre ambos. Enquanto a economia criativa abarca um conjunto mais amplo de atividades econômicas impulsionadas pela inovação, as ICs se concentram nas cadeias produtivas da cultura, das artes e do design. Para esses autores, a polissemia do termo revela tanto sua potencial força quanto suas limitações, exigindo uma abordagem crítica que considere a precarização do trabalho, a informalidade e as desigualdades estruturais que atravessam o setor. Já no Uruguai, estudos como o de Pastorino, Kimelman e Castillo (2021) destacam o papel das ICs como vetores de inovação e valorização cultural, especialmente em setores como o audiovisual, a música e o artesanato. Ainda assim, a escassez de políticas públicas estruturadas e a concentração das ações em Montevideu reforçam assimetrias territoriais.

Brasil e Uruguai acabam por exemplificar o caso latino-americano, em que o debate sobre IC é marcado por especificidades históricas e estruturais, em contraponto à adoção acrítica de modelos oriundos do norte global e à possibilidade de acentuar a dependência cultural e as desigualdades regionais. Por isso, diversos autores defendem a necessidade de construir modelos próprios de governança e políticas culturais, valorizando práticas comunitárias e narrativas locais como forma de evitar a “colonialidade do conhecimento”, fortalecendo um desenvolvimento criativo enraizado nas realidades do território (Henze; Escribal, 2021; Ashley *et al.*, 2024).

A agenda de gestão e políticas culturais regionais enfatiza a necessidade de “descolonizar” referenciais, superar a dependência de modelos importados e enfrentar, simultaneamente, legados coloniais e inflexões neoliberais que moldaram instrumentos e

prioridades (Henze; Escribal, 2021). Essa crítica alcança, por exemplo, perspectivas estritamente economicistas — *clusters* e *branding* em grandes metrópoles —, além de alertar para a possibilidade das armadilhas do turismo cultural e do “eco-etno-turismo”, como estereotipações e capturas de renda por agentes externos (Henze; Escribal, 2021). Em contrapartida, esse debate também recupera marcos normativos endógenos, como direitos culturais e perspectivas de *buen vivir*, a fim de para recentrar a sustentabilidade socioambiental, a diversidade e a participação cidadã como fundamentos das políticas de ICs (Henze; Escribal, 2021).

Em escala local, a experiência de Montevideu ilustra a importância de adaptar modelos globais às características locais por meio de “resiliência criativa” ancorada em iniciativas comunitárias e em políticas intersetoriais que promovam cocriação e inclusão social (Batlle; Vergara, 2018). Essa orientação se combina com a necessidade de um ambiente regulatório e financiador que coordene a inovação, a sustentabilidade e a inclusão (Batlle; Vergara, 2018).

Em síntese, as ICs oferecem um caminho promissor para o desenvolvimento regional ao articularem inovação, identidade e coesão territorial, mas seus efeitos são ambivalentes. Para que elas gerem valor econômico e público de modo equitativo, especialmente na América Latina, suas estratégias devem promover um equilíbrio entre crescimento, justiça social, direitos culturais e participação comunitária, valorizando arranjos endógenos e evitando a instrumentalização da cultura como mero meio de fins mercadológicos (Moraes; Aguiar, 2022; Henze; Escribal, 2021; Ashley *et al.*, 2024).

REDES, *STAKEHOLDERS* E ARTICULAÇÃO SOCIOCULTURAL EM TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS

As ICs em territórios periféricos e transfronteiriços tendem a se organizar por meio de redes colaborativas que conectam artistas, empreendedores, coletivos e instituições, compensando lacunas de políticas públicas e infraestrutura com cooperação, reciprocidade e circulação de saberes e serviços culturais. Em termos de análise, essas redes operam como infraestruturas sociais que mobilizam diferentes capitais (econômico, cultural e social), convertendo-os em resultados simbólicos e econômicos no nível local. O conceito bourdieusiano de capital social é útil aqui: trata-se do “conjunto de recursos reais ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações” (Bourdieu, 1986, p. 248), o que

ajuda a explicar por que circuitos relacionais densos e de confiança sustentam projetos e cadeias de valor criativas mesmo em contextos de escassez.

A literatura sobre *stakeholders* oferece um vocabulário normativo e operacional para identificar “quem conta” nessas redes. A definição clássica de Freeman — *stakeholders* são “qualquer grupo ou indivíduo que pode afetar ou ser afetado pelos objetivos da organização” (Freeman, 1984, p. 46) — é um ponto de partida para mapear atores culturais em arranjos locais, a exemplo de coletivos, ONGs, secretarias, universidades, microempreendedores criativos etc. Já o modelo de Mitchell, Agle e Wood (1997) propõe que a atenção gerencial — e, por analogia, a atenção de gestores culturais e redes locais — se orienta pela combinação entre poder, legitimidade e urgência, útil para compreender por que certos agentes ganham centralidade em decisões e alocações de recursos.

Experiências latino-americanas indicam que a eficácia dessas redes e desses instrumentos depende de uma leitura situada das assimetrias e dos repertórios locais. Em Montevideu, por exemplo, a Estratégia de Resiliência incorporou as ICs como vetor de desenvolvimento “inovador e co-criativo [*sic*]”, articulando governo, universidades e setor privado para diagnosticar gargalos e propor ações transversais (Batlle; Vergara, 2018). No Uruguai, iniciativas de vouchers de inovação do Laboratório de Inovação Empresarial do Banco Interamericano de Desarrollo (BID Lab) e da Agencia Nacional de Investigación e Innovación (ANII) mostraram que vínculos entre empresas criativas e outros setores elevam a capacidade inovadora e a competitividade, sobretudo para Micro e Pequenas Empresas (MPEs), com restrições de escala e financiamento (Pastorino; Kimelman; Castillo, 2021). Esses casos sugerem que a governança em rede e os instrumentos de conexão — *matchmaking*, cofinanciamento, laboratórios etc. — aumentam a capilaridade dessas ações e a correspondência entre linguagens artístico-culturais e demandas de mercado, algo crucial em regiões transfronteiriças.

Finalmente, em territórios periféricos e de fronteira, o desafio não é apenas “inserir” as ICs na economia local, mas ancorá-las em ecologias relacionais que sustentem direitos culturais, circulação transfronteiriça e valores comunitários. A fronteira pode ser concebida como um espaço performático, no qual agentes e instituições interagem dinamicamente. Nesse contexto, as infraestruturas fixas — como pontes, postos de imigração e centros culturais binacionais — refletem intencionalidades sociais, políticas e econômicas, ao passo que os fluxos socioculturais entre os habitantes das regiões fronteiriças promovem trocas

simbólicas e materiais que ressignificam constantemente esse espaço (Martins; Oliveira; Dias, 2025).

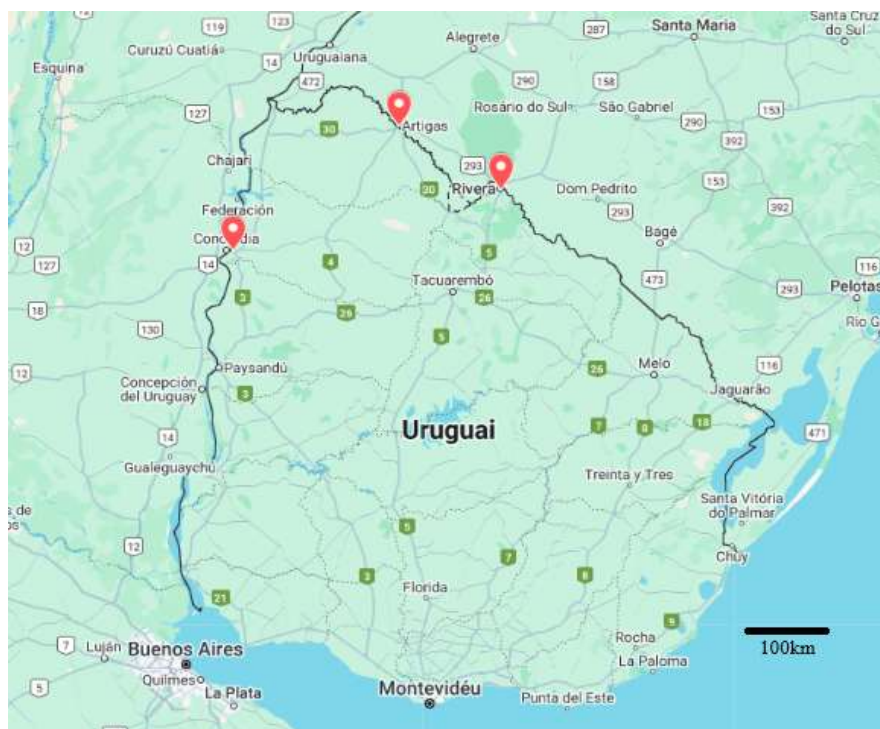
A literatura latino-americana recente enfatiza que políticas, formação e gestão cultural precisam dialogar com legados coloniais e inflexões neoliberais, evitando a simples importação de modelos do norte global e valorizando arranjos endógenos de participação e solidariedade (Henze; Escribal, 2021). Quando redes, *stakeholders* e instrumentos públicos se alinham, as ICs se tornam infraestruturas socioculturais capazes de produzir desenvolvimento inclusivo — e não apenas crescimento econômico — em contextos de baixa densidade institucional.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, adequada para a investigação de fenômenos sociais complexos em contextos pouco sistematizados, como é o caso das Indústrias Criativas em territórios de fronteira (Minayo, 2012). Esse tipo de abordagem permite captar significados, relações e práticas a partir da perspectiva dos próprios agentes, além de viabilizar a identificação de padrões preliminares e gerar hipóteses para estudos futuros em regiões periféricas e transfronteiriças (Yin, 2016).

Para o desenvolvimento deste estudo, foram utilizados dados primários e secundários. Os dados primários foram coletados por meio da aplicação de questionário estruturado via Google Forms entre setembro e outubro de 2024, contemplando questões fechadas e abertas. O instrumento reuniu oito eixos temáticos (perfil sociodemográfico; atuação profissional; inserção setorial; fontes de renda; experiências com editais; formação e capacitação; redes e parcerias; territorialidade), além de termo de consentimento ético. A classificação setorial seguiu a Nota Técnica nº 43/2021 da Secretaria de Planejamento do Rio Grande do Sul, adaptada ao contexto uruguaio. A localização da área de estudo nos departamentos de Salto, Rivera e Artigas é apresentada na Figura 1, construída a partir de dados georreferenciados que destacam as capitais departamentais e suas coordenadas.

Figura 1 – Departamentos de realização da pesquisa.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do Google Maps (2025), com base em informações georreferenciadas de acesso público. As capitais departamentais consideradas foram: Salto ($\approx -31.388, -57.960$), Rivera ($\approx -30.905, -55.551$) e Artigas ($\approx -30.404, -56.469$). As coordenadas podem ser verificadas em plataformas digitais de mapeamento, incluindo Google Maps (<https://maps.google.com/>) e Maps & Directions (<https://www.mapsdirections.info/>).

Além da descrição dos métodos e dos procedimentos analíticos, a caracterização socioespacial da área de estudo é fundamental para compreender as especificidades territoriais que estruturam a pesquisa. A escolha dos departamentos de Salto, Rivera e Artigas se deve tanto à inserção estratégica desses departamentos na fronteira norte do Uruguai quanto à relevância que têm nos indicadores de desenvolvimento regional e nas dinâmicas culturais e criativas do país.

A região norte do Uruguai, composta pelos departamentos de Salto, Artigas e Rivera, apresenta especificidades socioespaciais que a diferenciam do restante do território nacional. Localizada na faixa de fronteira com o Brasil e perto da Argentina, constitui um espaço de intensa circulação populacional, cultural e econômica, caracterizado por uma histórica dinâmica transfronteiriça. Segundo o *Índice de Desarrollo Regional Uruguay 2006-2022* (IDERE-UY), trata-se de uma das regiões com maior heterogeneidade interna em termos de bem-estar, acesso a serviços e indicadores econômicos, revelando contrastes significativos entre centros urbanos médios e áreas rurais dispersas (Rodríguez Miranda *et al.*, 2024).

No plano cultural e social, a região uruguaia tem papel central nas dinâmicas transfronteiriças de integração simbólica e material. Rivera, por exemplo, configura-se como uma “cidade gêmea” em relação a Santana do Livramento (Brasil), onde práticas culturais, linguísticas e comerciais configuram um espaço urbano binacional. Em Salto, destacam-se as experiências em turismo termal e eventos culturais vinculados à produção literária e musical. Artigas, por sua vez, tem tradição em festas populares e no aproveitamento de recursos naturais, como a mineração de ágatas e ametistas. Essas práticas reforçam a relevância das indústrias criativas como vetor de desenvolvimento, ainda que estudos apontem desafios relacionados à fragilidade institucional e à baixa articulação entre agentes locais (Pastorino; Kimelman; Castillo, 2021; Noboa; Martins, 2024).

O detalhamento do instrumento aplicado está no Quadro 1, que sistematiza as seções e as dimensões contempladas, como perfil sociodemográfico, identificação setorial, experiências em editais nacionais, internacionais e transfronteiriços, além de desafios enfrentados na prática cultural cotidiana.

Quadro 1 – Organização do instrumento Questionário⁶

Seção	Descrição
1. Informações sobre a pesquisa e termo de consentimento	Apresentação do estudo e das normas éticas.
2. Indústrias criativas	Identificação do setor de atuação, participação em grupos culturais e impacto da colaboração na cena criativa local. A categorização seguiu a classificação da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Rio Grande do Sul, contemplando setores como artes visuais, audiovisual, música, teatro, dança, moda, design, arquitetura, publicidade, literatura e patrimônio cultural.

⁶ A divisão das áreas das Indústrias Criativas (ICs) foi organizada com base no documento da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Rio Grande do Sul, conforme descrito na Nota Técnica n.º 43, de 13 de agosto de 2021. Essa classificação abarca os seguintes setores: artes visuais (abrangendo fotografia, pintura, escultura, desenho, gravura, arte digital e instalações artísticas); audiovisual (produção e criação de filmes, séries, vídeos, documentários, animações e conteúdos para televisão, internet e *streaming*); música (envolvendo criação, interpretação, produção e distribuição, incluindo compositores, instrumentistas, cantores e produtores musicais); teatro (criação, produção e apresentação de espetáculos cênicos, musicais e performáticos); dança (coreografia, interpretação e produção de espetáculos de dança); moda (design, fabricação e comercialização de roupas, acessórios, joias, calçados e desenvolvimento de tendências); design (design gráfico, de produto, de interiores, de móveis, de embalagens, além de desenvolvimento de produtos digitais, jogos e aplicativos); arquitetura (planejamento, concepção e execução de projetos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos, incluindo conservação e restauração); publicidade (campanhas publicitárias, *branding*, design publicitário e estratégias de marketing para promoção de marcas, produtos e serviços); literatura (criação, edição e publicação de obras literárias, como romances, contos, poemas, ensaios, roteiros e literatura infantil); e patrimônio cultural (preservação, promoção e valorização de bens culturais materiais e imateriais, como museus, arquivos históricos, tradições orais, sítios arqueológicos, festas populares, artesanato e gastronomia) (Rio Grande do Sul, 2021).

3. Convocatórias de fomento à cultura nacionais	Experiências com editais oferecidos pelo governo uruguaio.
4. Convocatórias internacionais	Participação e dificuldades em editais estrangeiros.
5. Convocatórias transfronteiriças	Oportunidades e desafios de editais voltados à integração entre Brasil, Uruguai e Argentina.
6. Desafios no acesso a editais de fomento	Obstáculos enfrentados pelos agentes criativos no processo de candidatura.
7. Relações fronteiriças e políticas culturais	Impacto da localização na oferta de financiamento e na articulação entre os países.
8. Perfil do respondente	Dados sociodemográficos básicos.

Fonte: Produzido pelos autores.

Os dados secundários foram extraídos de literatura e documentos públicos sobre políticas culturais e economia criativa no Uruguai e no Mercosul, incluindo relatórios da UNCTAD sobre mensuração da economia criativa (UNCTAD, 2024), o estudo do BID Lab sobre inovação nas ICs (Pastorino; Kimelman; Castillo, 2021) e a coletânea *Industrias Creativas, Cultura y Desarrollo* (Noboa; Martins, 2024).

A análise dos dados coletados segue os princípios da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), combinando codificação temática e interpretação contextual. As questões fechadas foram tratadas por estatística descritiva (frequências e proporções), com cruzamento por departamento e setor de atuação. As questões abertas foram codificadas em categorias temáticas e agrupadas em quatro eixos: perfis e setores; condições de trabalho; experiências de fomento; e redes de colaboração. A integração entre os resultados quantitativos e qualitativos permitiu a triangulação com os dados secundários, ampliando a robustez analítica (UNCTAD, 2024).

A amostra é não probabilística e intencional, composta por 81 respondentes atuantes em diferentes setores das ICs, com destaque para patrimônio cultural, música, teatro, audiovisual, artes visuais e produção artesanal. A distribuição territorial abrange os departamentos de Salto, Rivera e Artigas — embora haja maior concentração de respostas em Salto. Os dados refletem a diversidade dos agentes criativos, incluindo artistas, produtores, gestores culturais, empreendedores e membros de coletivos, permitindo delinear um panorama inicial das práticas e dos desafios da economia criativa na fronteira norte uruguaia.

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E FORMATIVO DOS AGENTES CRIATIVOS

A análise do perfil sociodemográfico e formativo revelou tanto tendências quanto desafios relacionados à qualificação, à inserção e à permanência no setor das ICs. Os dados

etários indicam que a maior concentração de profissionais tem entre 35 e 54 anos, estando 32,1% na faixa de 45 a 54 anos e 25,9% entre 35 e 44 anos. Esse padrão revela a predominância de agentes com trajetória consolidada, o que sugere que a experiência acumulada tem um importante papel nas atividades criativas da região. Jovens adultos, com idades entre 25 e 34 anos, também apresentam participação significativa (19,8%), indicando certa renovação geracional e presença de novos atores no campo. Por outro lado, a presença de pessoas com mais de 65 anos é residual (1,2%), o que pode estar relacionado a processos de aposentadoria ou à dificuldade de adaptação às exigências tecnológicas contemporâneas. A participação de jovens com menos de 18 anos (8,6%) chama atenção para o potencial de envolvimento precoce com iniciativas criativas, o que reforça a importância de políticas públicas voltadas à formação e à inserção profissional de jovens talentos.

Tabela 1 – Distribuição dos respondentes por faixa etária (%).

Faixa Etária	Percentual
Menos de 18 anos	8,6
25-34 anos	19,8
35-44 anos	25,9
45-54 anos	32,1
55-64 anos	12,3
65 anos ou mais	1,2

Fonte: Produzido pelos autores.

A composição por gênero revelou uma distribuição relativamente equilibrada: 50,6% dos respondentes se identificaram como masculinos, 44,4% como femininos, 3,7% como “outro” e 1,2% preferiu não responder. Embora o dado indique leve predominância masculina, observa-se uma expressiva participação feminina no setor criativo da fronteira, o que pode ser sinal de avanço em termos de acesso e ocupação de espaços profissionais por mulheres.

A diversidade de gênero também se evidencia na presença de pessoas não binárias — embora minoritária. Esse cenário sugere a necessidade de políticas que promovam ambientes criativos mais inclusivos, com atenção específica às condições de trabalho, à representação em posições de liderança e ao acesso a recursos por parte de diferentes gêneros. Investigações futuras podem contribuir para compreender desigualdades estruturais ainda persistentes, como disparidades salariais e limitações de acesso a redes de financiamento e apoio institucional.

Tabela 2 – Distribuição dos respondentes por identidade de gênero (%).

Identidade de gênero	Percentual
Masculino	50,6
Feminino	44,4
Outros	3,7
Prefere não responder	1,2

Fonte: Produzido pelos autores.

O nível de formação dos participantes evidencia um setor marcado por uma alta qualificação acadêmica, uma vez que 28,4% têm graduação universitária e 24,7% indicaram ter pós-graduação, totalizando 53,1% dos respondentes com ensino superior completo. A presença de respondentes com formação técnica ou tecnológica (8,6%) reforça a importância de caminhos formativos alternativos e voltados à prática. Já a participação de pessoas com escolaridade média básica ou inferior foi residual, o que pode indicar que grupos com menor escolarização formal enfrentam obstáculos para ingressar no setor.

Esse cenário destaca o papel da educação formal como critério de valorização e acesso no setor criativo, mas também evidencia a necessidade de políticas de inclusão que contemplem indivíduos com percursos formativos diversos. Barreiras como exigências formais, ausência de redes de apoio ou lacunas de capacitação técnica podem limitar o potencial criativo de populações em situação de vulnerabilidade educacional. Considerando as especificidades das regiões de fronteira, é fundamental pensar políticas binacionais que articulem qualificação profissional, mobilidade social e diversidade cultural.

Tabela 3 – Nível de escolaridade dos respondentes (%).

Nível de escolaridade	Percentual
Sem educação formal	1,2
Educação primária completa	1,2
Educação média básica (Ciclo básico)	1,2
Educação média superior (Bacharelado)	24,7
Formação técnica ou tecnológica	8,6
Formação terciária não universitária	9,9
Educação universitária (Graduação)	28,4
Pós-graduação	24,7

Fonte: Produzido pelos autores.

Esses dados estão em consonância com a literatura, que aponta para a presença de profissionais altamente escolarizados em contextos criativos, mas frequentemente inseridos em mercados instáveis e com pouca segurança institucional (Bendassolli *et al.*, 2009). Nesses casos, a formação acadêmica não se traduz automaticamente em inserção profissional sólida no mercado de trabalho — especialmente em regiões transfronteiriças.

SETORES DE ATUAÇÃO E FONTES DE RENDA

Os resultados da pesquisa evidenciam a diversidade de setores nos quais os agentes criativos da região de fronteira Brasil–Uruguai–Argentina desenvolvem suas atividades. Entre os segmentos mais mencionados, estão o patrimônio cultural, as artes cênicas, a música, o audiovisual, as artes visuais e a produção artesanal. Essa multiplicidade de áreas revela uma configuração híbrida das práticas culturais, em consonância com a noção de transversalidade que caracteriza as ICs, conforme destacado por Bendassolli *et al.* (2009) e Batlle e Vergara (2018). Essa característica é recorrente em contextos fronteiriços, marcados por fluxos culturais dinâmicos, intercâmbios simbólicos e reconfigurações identitárias (Radakovich, 2013; Pons, 2024).

A presença de atividades que articulam diferentes campos da criação cultural reflete a típica transversalidade das indústrias criativas, especialmente em regiões periféricas ao circuito hegemônico da economia criativa global. Nesses contextos, observa-se uma ênfase em estratégias de autogestão, redes locais de produção e circuitos alternativos de difusão cultural. Embora essa dinâmica favoreça a emergência de práticas inovadoras, também revela desafios em termos de sustentabilidade econômica e institucionalização.

Quanto à fonte de renda dos participantes, apenas 38% declararam que a atividade criativa é a principal fonte de sustento. Esse dado aponta para uma realidade marcada pela pluriatividade, com muitos profissionais atuando, simultaneamente, em setores como educação, turismo, comércio e serviços em geral. Tal situação pode ser interpretada como um indicativo de que oportunidades formais no campo criativo para garantir uma estabilidade financeira aos trabalhadores não são suficientes.

Tabela 4 – Setores de atuação mais mencionados pelos respondentes e sua frequência relativa (%).

Setor de atuação	Frequência relativa
Patrimônio cultural	22,2
Artes cênicas	17,3
Música	14,8
Audiovisual	12,3
Artes visuais	11,1
Produção artesanal	9,9
Outros	12,4

Fonte: Produzido pelos autores.

Essas evidências reforçam diagnósticos anteriores que apontam para a vulnerabilidade das condições de trabalho no setor criativo, frequentemente associadas à informalidade, à intermitência dos projetos e à ausência de políticas públicas estruturantes (Pastorino; Kimelman; Castillo, 2021). Nesse cenário, torna-se relevante discutir a necessidade de mecanismos de valorização profissional, o acesso a editais e políticas de fomento que considerem as especificidades dos territórios de fronteira, assim como o caráter transversal das práticas culturais.

Tabela 5 – Distribuição dos respondentes segundo a principal fonte de renda (%).

Principal fonte de renda	Percentual
Atividade criativa	38,0
Educação	25,0
Turismo	14,8
Comércio	9,9
Outro	12,3

Fonte: Produzido pelos autores.

A análise dos dados apresentados nas Tabelas 4 e 5 permite concluir que, embora os agentes criativos da região apresentem forte engajamento com a produção cultural, essa dedicação nem sempre se traduz em sustentabilidade econômica. Essa tensão entre vocação artística e viabilidade financeira é um dos principais desafios à consolidação das ICs na fronteira, exigindo políticas intersetoriais que articulem cultura, trabalho e desenvolvimento regional.

FORMAÇÃO, CAPACITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS

A formação contínua é considerada um dos pilares para a consolidação das ICs, especialmente em contextos transfronteiriços, onde os desafios de acesso a políticas públicas e à infraestrutura são acentuados. No que diz respeito à participação em cursos de formação e atualização profissional, os dados da pesquisa apontam para um cenário de desigualdade entre os agentes criativos da região da fronteira Brasil–Uruguai–Argentina. Apenas 17% dos respondentes afirmaram participar muito frequentemente de atividades formativas, enquanto 35% relataram frequência regular. Em contrapartida, 33% participam ocasionalmente, 10% raramente e 5% nunca participaram de algum tipo de capacitação profissional.

Esses dados revelam uma lacuna significativa no acesso a oportunidades formativas, o que compromete a atualização técnica e artística dos profissionais e limita inovações no setor. Tal realidade é coerente com os apontamentos de Bendassolli *et al.* (2009), que destacam a dependência do capital intelectual nas ICs e a constante necessidade de atualização como diferencial competitivo. A UNESCO (2020), por sua vez, reforça que a escassez de formação especializada em ICs é um dos principais entraves à sustentabilidade do setor em regiões com essa conformação.

Entre os obstáculos identificados, destacam-se as barreiras geográficas, financeiras e institucionais, o que dificulta o acesso a cursos e oficinas — mesmo com interesse declarado por parte dos respondentes. Essa condição é especialmente crítica em territórios fronteiriços, onde a oferta formativa tende a ser dispersa e a ausência de articulações entre os países dificulta a implementação de políticas integradas (Martins, 2023).

A literatura especializada sugere que políticas públicas voltadas à qualificação profissional e à formação continuada são essenciais para o fortalecimento das ICs (Pastorino; Kimelman; Castillo, 2021). Programas de incentivo, parcerias com instituições de ensino superior e centros culturais, além da criação de workshops e cursos de curta duração, são alternativas viáveis para ampliar o acesso à capacitação e fortalecer as redes de colaboração profissional.

Outro aspecto que se mostra relevante é a importância que os respondentes atribuem à participação em redes associativas e coletivos culturais. Os dados mostram que 85% dos respondentes consideram que participar desses grupos é um elemento importante ou muito importante para o desenvolvimento profissional. A atuação em redes colaborativas é percebida como uma forma ampliar as oportunidades de trabalho, a articulação institucional e o acesso a políticas de fomento.

Tabela 6 – Frequência de participação em cursos de formação/atualização profissional (%).

Frequência	Percentual
Muito frequentemente	17
Frequentemente	35
Ocasionalmente	33
Raramente	10
Nunca	5

Fonte: Produzido pelos autores.

Contudo, a baixa formalização de muitas dessas iniciativas e a ausência de apoio técnico dificultam sua consolidação, sobretudo no que se refere à gestão colaborativa e à captação de recursos. Conforme observam Pons, Drumm e Chalar Bertollotti (2024, p. 52), “muchos de estos colectivos operan de manera informal, sin estructura administrativa consolidada, lo cual debilita su sostenibilidad y limita su capacidad de incidencia política”.

Em resposta a esses desafios, o desenvolvimento de programas binacionais de capacitação em ICs, integrando profissionais do Brasil, do Uruguai e da Argentina, poderia ser uma oportunidade estratégica para qualificar o setor e fomentar sua integração regional. Iniciativas desse tipo podem favorecer a mobilidade profissional, o intercâmbio de saberes e o fortalecimento de redes criativas transfronteiriças.

Tabela 7 – Grau de importância atribuído à participação em grupos ou associações de IC (%).

Grau de importância	Percentual
Nada importante	3
Pouco importante	12
Importante	32
Muito importante	33
Extremamente importante	20

Fonte: Produzido pelos autores.

A análise dos dados ainda revelou que, apesar das dificuldades estruturais, existe uma percepção positiva sobre a importância da colaboração em rede e da atuação coletiva. Muitos dos respondentes relataram vínculos com coletivos, feiras, associações e grupos de artistas — ainda que de forma informal ou esporádica.

Essa dimensão associativa reforça o papel das redes culturais como mecanismos de resistência, inovação e visibilidade (Pons, 2024). A fronteira, nesse sentido, apresenta-se como um espaço de experimentação e troca simbólica, onde a articulação entre os agentes pode ampliar o alcance das ações criativas e fortalecer a coesão territorial. O Quadro 2, a seguir, apresenta uma síntese do perfil dos *stakeholders* das ICs na fronteira do Uruguai e as principais associações teóricas estabelecidas em diferentes dimensões.

Quadro 2 – Perfil dos *stakeholders* das Indústrias Criativas na fronteira norte do Uruguai.

Dimensão	Resultados empíricos	Referências
Composição etária	Predominância entre 35 e 54 anos (58%); presença relevante de jovens (28,4%) — inclusive menores de 18 anos (8,6%).	Indica renovação geracional e experiências consolidadas (Bensassolli <i>et al.</i> , 2009).
Identidade de gênero	Distribuição equilibrada: 50,6% masculino, 44,4% feminino, 3,7% outro, 1,2% preferiu não responder.	Reforça a necessidade de políticas inclusivas (Radakovich, 2013).
Escolaridade	53,1% com ensino superior completo (graduação + pós); 8,6 % com formação técnica.	Capital intelectual como base das ICs (Howkins, 2001; Bendassolli <i>et al.</i> , 2009).
Setores de atuação	Diversidade: patrimônio cultural (22,2%), artes cênicas (17,3%), música (14,8%), audiovisual (12,3%), artes visuais (11,1%), produção artesanal (9,9%).	Transversalidade das práticas criativas em territórios periféricos (Batlle; Vergara, 2018; Radakovich, 2013).
Fonte principal de renda	Apenas 38% têm a atividade criativa como principal fonte de sustento; 62% atuam também em outros setores.	Pluriatividade e instabilidade no setor criativo (Pastorino; Kimelman; Castillo, 2021; Radakovich, 2013).
Formação e capacitação	Participação irregular: 52% frequentam cursos com regularidade; 15% raramente ou nunca participaram.	Desigualdade no acesso à qualificação (UNESCO, 2020; Martins, 2023).
Participação em grupos/redes	85% consideram importante ou muito importante atuar em coletivos ou associações; vínculos geralmente informais.	Potencial para redes culturais, mas com fragilidade organizacional (Noboa; Martins, 2024; Pons, 2024).
Desafios identificados	Baixo acesso a editais, informalidade, escassa institucionalização, ausência de políticas públicas estruturadas.	ICs como formas de resistência em territórios invisibilizados (Batlle, 2018; Pastorino; Kimelman; Castillo, 2021).

Fonte: Produzido pelos autores.

A síntese do perfil dos *stakeholders* das ICs na fronteira norte do Uruguai revela tensões entre o alto potencial sociocultural e a persistente precarização do setor. A presença

significativa de adultos entre 35 e 54 anos no setor, somada à presença de jovens e adolescentes, indica, simultaneamente, maturidade e renovação geracional nas práticas criativas (Bendassolli *et al.*, 2009). A diversidade de gênero e o alto nível de escolaridade evidenciam um campo plural e intelectualmente qualificado (Howkins, 2001; Radakovich, 2013), mas com baixa conversão em renda estável: apenas 38% têm nas ICs sua principal fonte de sustento (Pastorino; Kimelman; Castillo, 2021). A atuação dispersa em múltiplos setores — do patrimônio às artes visuais — e a valorização dos coletivos reforçam a transversalidade e o papel das redes informais (Batlle; Vergara, 2018; Noboa; Martins, 2024). No entanto, a participação irregular em ações formativas e o limitado acesso a editais expõem barreiras estruturais e desigualdades persistentes. Ainda que as ICs operem como espaços de resistência em territórios periféricos, carecem de institucionalização e políticas de fomento consistentes (Batlle; Vergara, 2018; Pons, 2024).

Considerando o exposto, o panorama delineado revela que as ICs na fronteira norte do Uruguai operam em um cenário complexo, onde a diversidade de agentes e a vitalidade das redes culturais contrastam com fragilidades institucionais persistentes. A baixa formalização, as lacunas formativas e o acesso restrito a políticas de fomento evidenciam a necessidade de estratégias integradas de capacitação e fortalecimento organizacional. O potencial das ICs como vetor de desenvolvimento regional está claramente presente, mas sua consolidação exige ações e investimentos coordenados que valorizem a fronteira como um espaço estratégico de intercâmbio, inovação e articulação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou um diagnóstico preliminar dos agentes criativos que trabalham na região de fronteira norte do Uruguai, com foco nos departamentos de Salto, Artigas e Rivera. Com base em uma abordagem qualitativa e exploratória, a pesquisa identificou padrões iniciais do perfil sociodemográfico dos profissionais, dos setores de atuação, dos vínculos associativos e dos principais desafios enfrentados no campo das ICs em contextos transfronteiriços.

Os resultados revelam que, embora os agentes criativos tenham elevada qualificação acadêmica e forte engajamento cultural, sua atuação é majoritariamente marcada por informalidade, pluriatividade e escassa inserção em políticas públicas de fomento. A diversidade de setores e a transversalidade das práticas culturais apontam para um

ecossistema criativo dinâmico, mas que ainda carece de estrutura institucional e reconhecimento formal.

Apensar de a atuação em redes colaborativas tenha sido apontada como importante, a presente análise se concentrou no levantamento dos perfis dos *stakeholders*, de modo a estabelecer uma base empírica para futuras investigações sobre as dinâmicas relacionais entre esses agentes. Como continuidade, propõe-se aprofundamento qualitativo com foco nas interações, nos fluxos e nas formas de cooperação cultural que atravessam os territórios de fronteira. Diante desse cenário, torna-se urgente o desenvolvimento de políticas públicas territorializadas e intersetoriais que reconheçam as especificidades dos territórios de fronteira, promovam a qualificação profissional e estimulem o protagonismo dos agentes culturais locais. O investimento em formação continuada, a ampliação de editais inclusivos e a valorização da produção simbólica regional são passos fundamentais para consolidar as ICs como vetor de desenvolvimento regional.

Algumas limitações do estudo devem ser reconhecidas. A amostra, composta por 81 respondentes, é de natureza não probabilística e reflete um recorte específico no tempo e no espaço. Isso restringe a generalização dos resultados para outras regiões do Uruguai ou para o conjunto das ICs nacionais. Ademais, a predominância de dados coletados por questionário limita a profundidade das interpretações qualitativas sobre práticas e redes colaborativas. Essas restrições reforçam a necessidade de complementar os achados com entrevistas em profundidade, estudos de caso e comparações inter-regionais, de modo a captar, com maior densidade, a complexidade das dinâmicas criativas na fronteira.

Retomando a pergunta que orientou esta investigação — como se organizam os *stakeholders* da Indústria Criativa nos territórios de fronteira? —, os achados demonstram a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre as práticas colaborativas e os obstáculos à institucionalização. Torna-se necessário, portanto, dar continuidade ao estudo qualitativo, com técnicas como entrevistas e grupos focais, além de análises comparativas com outras regiões fronteiriças. A continuidade do monitoramento e da sistematização de dados contribuirá para o fortalecimento de uma agenda crítica e aplicada em torno das ICs e do desenvolvimento em contextos periféricos.

Em conclusão, o estudo evidencia que a fronteira norte do Uruguai é um território paradoxal: por um lado, apresenta vulnerabilidades estruturais ligadas à necessidade de maior apoio ao trabalho criativo e à ausência de políticas descentralizadas; por outro, configura-se como um espaço fértil para experimentação cultural e inovação social, sustentado pela

diversidade cultural e pela circulação transnacional. A triangulação com a literatura nacional e internacional ratifica que o fortalecimento das ICs na região depende de políticas públicas que combinem descentralização, capacitação e valorização da produção simbólica local. Assim, este diagnóstico inicial contribui para delinear caminhos de desenvolvimento que reconheçam a fronteira como um espaço estratégico para a cultura, a integração regional e a economia criativa.

REFERÊNCIAS

ASHLEY, Amanda J. *et al.* **The creative economy: arts, cultural value and society in practice.** New York: Routledge, 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2011.

BATLLE, José Ignacio; VERGARA, Maria Luisa. **Industrias creativas para un Montevideo innovador y co-creativo.** Estrategia de resiliencia de Montevideo – Informe Final. Montevideo: Intendencia de Montevideo, Unidad Ejecutiva de Resiliencia, 2018. Disponível em: <https://montevideo.gub.uy/sites/default/files/biblioteca/informefinal-industrias-creativas-mvd.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2025.

BENDASSOLLI, Pedro F. *et al.* Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 10-18, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/kfQnK9RMH3jTv4MXRYsMHZJ/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. *In*: RICHARDSON, John. (Ed.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education.** New York: Greenwood, 1986. p. 241-258.

FREEMAN, R. Edward. **Strategic management: a stakeholder approach.** Boston: Pitman, 1984.

HENZE, Raphaela; ESCRIBAL, Federico. (Ed.). **Cultural management and policy in Latin America.** Milton Park, Abingdon, Oxon; New York: Routledge, 2021.

HOWKINS, John. **The creative economy: how people make money from ideas.** London: Penguin, 2002.

MARKUSEN, Ann. *et al.* Defining the creative economy: industry and occupational approaches. **Economic Development Quarterly**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 24-45, 2008.

MARTINS, Tiago Costa. **Políticas para a Indústria Criativa e o desenvolvimento na fronteira Brasil, Argentina e Uruguai.** São Borja: Universidade Federal do Pampa, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, 2023. (Projeto CNPq nº 441861/2023-7).

MARTINS, Tiago Costa; OLIVEIRA, Victor da Silva; DIAS, Maria Clara da Silva. **Territorio cultural y producción simbólica en las fronteras: flujos, poderes e identidades.**

In: CAPASSO, Anabel et al. Políticas para la industria creativa y el desarrollo en la frontera de Brasil y Argentina. Coord. geral: Carla Antonela Cossi, Tiago Costa Martins, Victor da Silva Oliveira. 1. ed. Posadas: Ediciones FHyCS, 2025. p. 35-49.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MITCHELL, Ronald.; AGLE, Bradley; WOOD, Donna J. Toward a theory of stakeholder identification and salience: defining the principle of who and what really counts. **Academy of Management Review**, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 853-886, 1997.

MORAES, Isaías Albertin; AGUIAR, Mônica Heinzelmann Portela de. Economia criativa nos países do Mercosul: breve análise conjuntural. **Cadernos PROLAM/USP**, São Paulo, v. 21, n. 44, p. 99-130, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.196046>.

NOBOA, Alejandro; MARTINS, Tiago Costa. (Coord.). **Industrias creativas, cultura y desarrollo**. Salto: Universidad de la República, 2024.

PASTORINO, Javier; KIMELMAN, Nicole; CASTILLO, Ana. **Las industrias creativas como agentes de innovación en Uruguay**: descubrí el poder del vínculo. Nota Técnica No. IDB-TN-2387. Banco Interamericano de Desarrollo – BID Lab, 2021. Disponível em: <https://publications.iadb.org/handle/11319/11584>. Acesso em: 23 mar. 2025.

PONS, Mônica Elisa Dias. **Fronteira, Cultura e Indústria Criativa**: diagnóstico dos *stakeholders* no universo cultural da fronteira Brasil, Uruguai e Argentina. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Turismo, 2024. (Projeto de pesquisa).

PONS, Mônica Elisa Dias; DRUMM, Elisabeth Cristina; CHALAR BERTOLLOTTI, Luis Francisco. Patrimônio cultural, indústria criativa e turismo criativo: Dia del Patrimonio em Uruguay. In: NOBOA, Alejandro; MARTINS, Tiago Costa. (Coord.). **Industrias creativas, cultura y desarrollo**. Salto: Universidad de la República, 2024. p. 43-69.

RIO GRANDE DO SUL. **Nota Técnica n.º 43, de 13 de agosto de 2021**. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Porto Alegre: SPGG, 2021.

RODRÍGUEZ MIRANDA, Adrián. *et al.* **Índice de desarrollo regional Uruguay 2006-2022 (IDERE-UY)**. Informe 2024. Montevideo: Universidad de la República, Facultad de Ciencias Económicas y de Administración, 2024.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). **Creative Economy Outlook 2024**: Definitions and Statistical Framework. Geneva: UNCTAD, 2024.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2016.